

**FACULDADE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Simone Augusto Silva**

**ADOLESCER:  
Do Pretérito Ao Futuro, No Presente**

Santo Antônio de Pádua / RJ  
2024

**SIMONE AUGUSTO SILVA**

**ADOLESCER:  
Do Pretérito Ao Futuro, No Presente**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Santo Antônio de Pádua como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadores: Prof.<sup>a</sup> Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Prof.<sup>o</sup> Me. Dinart Rocha Filho

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Adriana Chaves de Oliveira Ruback, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

---

Prof. Allan de Aguiar Almeida, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

---

Prof. Dinart Rocha Filho, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Santo Antônio de Pádua / RJ  
2024

*Em tempos difíceis, contemplo girassóis. Minha esperança carece de belezas sutis.  
(Simone, 2024)*

## AGRADECIMENTOS

A mim, persistente no trabalho por reconhecer a minha parte no todo: paz!

Ao amor, gratuito, seguro, leal, livre de dogmas mesquinhos, de títulos de propriedade e demais práticas materialistas; essência de Deus em nós, na vida.

A Jesus Cristo e demais mensageiros do amor de Deus em outras culturas, cujas memórias são ideais que me impulsionam à prática amorosa no cotidiano, nesse exercício de liberdade que busco vivenciar com responsabilidade.

Aos meus ancestrais, humanos ou não, pelo privilégio da minha existência.

Aos meus pais, Maria das Graças e Gerci, pela oportunidade da vida e por terem feito o melhor que puderam com os recursos de que dispunham. À dona Graça, por ter se feito rocha para suportar as brutalidades da vida sem se esfacelar, mantendo-nos seguros sob suas “asas”; honras à força do matriarcado que me inspira! Ao senhor Gerci, “o esquisito”, cujo corpo físico já se transformou, rendo honras a sua presença sempre viva em mim, em minhas memórias, que seguem me abençoando e me impulsionando rumo a um novo futuro, por nós e pelos nossos! Saudades...

Aos meus irmãos, Janaina e Alex, parceiros de jornada e “porradas”, e aos seus cônjuges, Lucas e Jamila, por serem “fechamento na patota”, nas invenções de moda.

À Jana, em especial, por ser uma das minhas “almas gêmeas” na vida, essa fortaleza segura e serena, que com delicadeza transborda sabedoria.

Aos meus sobrinhos, Elisa, Lívia, Vítor e Heitor, amorzinhos da “Thessy”, pelas recargas na minha barreirinha de amor com seus abraços carinhosos, pelas aventuras nas nossas “loucurinhas” e por serem, simplesmente, incríveis.

Ao vovô Lando (Orlando), o careca de quem gosto mais, meu “macho beta” referência de afeto, parceria, resiliência, sensibilidade e sabedoria; meu grande mestre na vida, que vive em mim.

À minha bisavó materna, cuja memória assimilada através da minha mãe e da vovó Ana fortalece a minha essência: vida longa à luta feminina por respeito!

Aos: Tarcísio, Luzia(s), Lourdes, Natália, Elson, Patrícia, Christine, Denise e Cristina, “fades madrinhas” e referências essenciais em etapas fundamentais!

À Marcinha, que me suportou em momentos “insuportáveis” a mim mesma, à Débora, à Karina, ao Marcos, ao Ronaldo, ao Viny, ao Fraga, a Marta, ao Raul, ao Vandrê e à Georgia, pelo acolhimento em momentos turbulentos nessa trajetória.

Aos meus alunxs, sobrinhos de alma da “Tia Simone” com os quais compartilho vida, conhecimentos, abraços, ideias, além de alguns momentos de irritação e vontade de sair correndo; desafios e delícias do conViver com a diversidade humana na fase mais desafiadora e encantadora a meu juízo, amo vocês!

À Lara, ao Viny, ao Vytor, aos Gabriéis, à Ana Júlia, à Letícia e à Chris, em especial, sou grata pelas reflexões e aprendizados que se fortaleceram em nossas trocas e que permanecem em mim como frutos do nosso encontro, cujas sementes sigo partilhando!

Aos amigos, ainda que fisicamente distantes e aqui representados pelos integrantes do meu primeiro “grupo de escola”, Magno, Edilane e Laysa, da Fasap; o carinho de vocês é milagroso remédio!

Ao Sérgio e ao Arlindo, cujas partidas antecipadas me dilaceraram a alma, ao mesmo tempo em que me encorajam a seguir, com amor cristão. Sou grata ao “sacrifício” de vocês e prometo lutar pela vida até o fim dos meus dias!

Aos amigos e colegas do IFF Pádua/RJ, profissionais de extrema competência com os quais tenho o privilégio de seguir aprendendo a educar, nessa “balbúrdia” de “parasitas” que resistem aos assujeitamentos como podem e batalham pela emancipação popular, na árdua guerra contra à “ignorância estrutural”!

Ao Alysson, que com muita competência e sensibilidade mediou esse meu doloroso processo de enquadramento acadêmico; seguimos parceiros de resistência!

Aos psicólogos que foram parceiros nessa trajetória e à Juliana, a musa acolhedora que segue comigo nessa jornada amorosa... Vocês são luminosos!

Aos meus professores, mestres nessa minha insaciável sede em conhecer, em especial ao Allan, Adriana, Dinart e Arandir pela disponibilidade ao exercício profissional com respeito e humanidade, a inteligência inteligente que eu reconheço.

Aos parceiros da supervisão do estágio na orientação psicanalítica, em especial à Edilane, Laysa, Magno, Soninha e Adriana, nossa amada mestra toda trabalhada na sagacidade. Quanta saudade sentirei desse espaço de trocas e de aprendizado acerca da escuta sensível e do cuidado amoroso conosco e no trato com nossos pacientes!

Ao Diego, parceiro no desejo de que os bancos das praças sejam livres a qualquer “doido” que neles queira se sentar; um abraço!

Aos brasileiros, cujos impostos financiaram essa empreitada, em especial aos que resistem às opressões com suas artes, nas mais diversas formas. “Tamu juntxs”!

## **ADOLESCER: Do Pretérito Ao Futuro, No Presente**

Simone Augusto Silva<sup>1</sup>

Orientadores: Prof.<sup>a</sup> Ma. Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Prof. Me. Dinart Rocha Filho

*<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santo Antônio de Pádua*

### **RESUMO**

A adolescência enquanto categoria científica surge com a ascensão do capitalismo, a partir do século XIX, inaugurando novas formas de vivenciar a experiência social e os processos de constituição de identidade nas sociedades ocidentais, em especial. O adolescer, que em culturas ancestrais se dava na experiência comunitária e com seus próprios rituais de passagem ao mundo adulto, passa a ser, parcialmente, desenvolvido em escolas. Aos educadores é atribuída a função de preparar os jovens com vistas ao atendimento das novas demandas do capitalismo. O culto às máquinas e crescentes pressões por desempenho e produtividade que derivam desse sistema, pautado em lucro, vem sendo internalizados na mentalidade humana, prejudicando a sensibilidade, não racionalizável, mas essencial à intuição na vivência plena da complexidade da experiência subjetiva. O modelo científico tradicional, fortemente influenciado pela “maquinaria capitalista”, vem validando o fracasso social em incrementar o bem-estar coletivo. O advento e expansão dos meios virtuais de comunicação tem corroborado para o estabelecimento de um verdadeiro “caos existencial”. Esse cenário impacta sobremaneira o adolescer contemporâneo, dado o incremento na insegurança diante da desorientação que resulta da falácia de liberdade irrestrita que vem sendo difundida na atualidade, cuja crença perturba a psique. A Metáfora do Jardim, fruto de experiência docente de mais de 10 anos com o público adolescente, objetiva atentar para a responsabilidade dos adultos no cuidado com os mais jovens, os quais demandam referenciais que lhes inspirem confiança para que possam criar um futuro respeitoso e pacífico que rompa com as opressões, sobretudo no contexto brasileiro.

**Palavras-chave:** Adolescência; Singularidade; Capitalismo; Sociedade.

### **INTRODUÇÃO**

A adolescência enquanto construção social amplamente reconhecida e incorporada como etapa distinta no desenvolvimento humano é um fenômeno

relativamente recente, que nas sociedades ocidentais tem seu histórico entrelaçado com a consolidação do sistema capitalista, a partir do século XIX.

Adolescer, derivado do verbo em latim *adolescere*, que significa crescer, refere-se ao período cujo início coincide com as modificações fisiológicas típicas da puberdade, as quais corroboram para a maturação sexual e habilitação dos indivíduos ao ciclo reprodutivo, cuja delimitação cronológica se dá em um intervalo bastante característico para ambos os sexos. Porém, para além das transformações fisiológicas marcadas por evidências físicas consistentes e relativamente universais na espécie humana, fatores históricos, socioeconômicos e culturais são também significativamente influentes nos processos de subjetivação, cuja consideração se torna relevante para que a transição da infância para a fase adulta possa ser compreendida a partir de perspectivas mais abrangentes (SCHOEN-FERREIRA *et al*, 2010).

As populares narrativas ficcionais que figuram no campo das artes, produções humanas que concorrem para a sublimação de angústias, típicas dos encontros e desencontros que se dão na experiência de constituição do indivíduo em sociedade, carecem de significativo investimento cognitivo e tempo para assimilação, o que colabora para a educação do desejo de satisfação imediata da angústia existencial. A elaboração criativa das angústias através de seus simbolismos, as artes, mobiliza o desejo, fortalece a autoestima, o pertencimento e o vigor transformador de realidades adversas, força motriz da perpetuação da espécie humana.

O modo de vida contemporâneo, muito “facilitado” pela popularização da internet e de novas tecnologias, viabilizou a virtualidade relacional. Nesse novo cenário, a compreensão dos processos de subjetivação nos contornos da experiência existencial dentro dos limites da fisicalidade, antes estabelecidos, já não são suficientes para a adequada compreensão no cenário global. Conexões e rupturas se fazem disponíveis a um toque na tela do dispositivo, uma espécie de “passe de mágica” sem precedentes.

Ao refletir acerca da experiência de comunidade de outrora, em contraponto ao modelo atual de sociabilidade, Bauman (2022, p. 24) nos situa que:

A partir do momento em que a informação passa a viajar independente de seus portadores, e numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte (como no tipo de sociedade que todos habitamos nos dias de hoje), a fronteira entre o “dentro” e o “fora” não pode mais ser estabelecida e muito menos mantida.

Nesse contexto fortemente virtual, o público jovem, em especial, vem sendo afetado por essas profundas modificações na cultura que os meios digitais proporcionaram na contemporaneidade. Devido à vulnerabilidade existencial que marca a transitoriedade entre a infância e a fase adulta, período em que os jovens buscam referenciais para se estruturarem enquanto sujeitos dos próprios desejos, há maior potencial de instauração de vícios e outros comportamentos de risco. Ao discutir sobre vícios em tecnologia, tema cada vez mais presente nas produções acadêmicas acerca de saúde mental na atualidade, Alter (2018, p. 65) afirma:

O período de maior risco para o vício é o começo da vida adulta. Pouquíssimas pessoas desenvolvem vícios mais tarde na vida se não foram viciadas na adolescência. Um dos principais motivos é que jovens adultos são bombardeados por um sem-número de responsabilidades com as quais não estão preparados para lidar. Eles aprendem a se medicar tomando substâncias ou adotando comportamentos que amenizem as fisgadas causadas por essas dificuldades persistentes. Com vinte e poucos anos, muitas pessoas passam a dispor dos círculos sociais e da capacidade de superação que lhes faltavam na adolescência.

A contribuição nas discussões acerca da adolescência no contexto contemporâneo, a partir de pesquisa bibliográfica em sintonia com relatos de experiência, mobiliza a escrita desse texto. O adolescer no presente carece de uma visão ampla, histórica e socialmente situada que possibilite conduzir o apoio adequado a esse público, que além das angústias do agora, acumulam sobre si o peso de questões mal resolvidas das gerações passadas; depositários de esperanças de futuro. Nesse sentido, o cuidado e suporte às demandas, em especial do público jovem e sem prejuízo aos demais, será defendido nessa obra como questão fundamental para que qualquer sociedade progrida na direção da efetivação do bem-estar coletivo.

## **A INVENÇÃO DA ADOLESCÊNCIA**

*O capitalismo é a semente de Satanás plantada no coração da humanidade.*  
(Simone, 2024)

Peço licença à “impessoalidade” na abertura desse tópico para render honras à existência de Antoine Laurent Lavoisier (1743-1794), cerceada fisicamente pela

guilhotina no irracional contexto de guerra, a meu juízo (ARAGÃO, 2008). Considerado o pai da Química Moderna, a qual busco praticar com respeito, ao nos oferecer sua interpretação do mundo físico sobre a conservação da matéria por meio do enunciado que é popularmente difundido pela expressão “Na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma” (ARAGÃO, 2008, p. 35), Lavoisier se faz eterno!

O pressuposto que aqui se apresenta é o de que estamos sempre transformando as coisas, assim como os sentidos que damos à experiência de contato com os produtos de “nossas artes”. A tentativa de racionalização e estabelecimento de padrões de análise busca suprir o pulsante desejo humano de decodificar e compreender a própria existência, a fim de perpetuá-la. Nesse sentido, a própria adolescência enquanto categoria científica figura como mais uma das muitas produções da criatividade humana. Arteira que sou, proponho-me a refletir sobre o adolecer no contexto atual.

Em sociedades antigas, como a grega e a romana, a transição da infância para a fase adulta era marcada por rituais e cerimônias que indicavam a mudança de uma fase à outra. A juventude era considerada um momento de preparação para a vida adulta, em que jovens eram ensinados a assumir responsabilidades e se apropriar dos valores culturais de sua comunidade (BOCK, 2007).

Na Idade Média, imperava o desconhecimento acerca das particularidades da infância, o que corroborava com a concepção de que crianças e jovens eram adultos em miniatura (GROSSMAN, 2010). Nessa época, “o indivíduo vivia em comunidades feudais, as quais se constituíam como um ambiente bastante familiar, onde todos se conheciam” (SCHOEN-FERREIRA *et al*, 2010, p. 229). A experiência profissional das classes populares se dava a partir das Corporações de Ofício, de onde vinha o aprendizado de práticas laborais em um contexto familiar e/ou comunitário.

Uma forma de o jovem adquirir uma profissão nessa época era através das Corporações de Ofício. Estas eram compostas de três classes: os mestres, donos das oficinas, responsáveis pelo ensino e educação dos aprendizes; os aprendizes, que não recebiam salário, geralmente eram parentes e moravam com o mestre; e o jornaleiro, que já havia terminado o período de aprendizagem e recebia salário (SCHOEN-FERREIRA *et al*, 2010, p. 229).

O contexto da industrialização e consolidação do capitalismo que se instaurou a partir do século XIX, pautado em produtividade e lucro, aliado ao surgimento e popularização de máquinas e a conquistas científicas que incrementaram a

expectativa de vida da população, promoveram significativas modificações na estrutura social e em especial no mundo do trabalho. A elevação dos índices de desemprego que tal contexto produziu, com riscos significativos de inconformismo e revolta das massas ociosas e insatisfeitas, encontra relação com o prolongamento da formação dos jovens em escolas, instituição que seria tutelada por adultos cujo perfil cumpriria a finalidade de preparar os jovens para atender as demandas do novo sistema produtivo (BOCK, 2007).

O jovem, que antes se inseria desde cedo no mundo do trabalho a partir das relações familiares e comunitárias, passa a ter a sua liberdade laboral cerceada como consequência das modificações sociais promovidas pelo sistema econômico de forte influência política no contexto vigente, o que o distancia da possibilidade de “obter autonomia e condições de sustento” (BARONCELLI, 2012, p. 190). A escola, então, se consolida como instituição essencial ao processo de docilização e disciplinarização dos corpos jovens, enquanto lhes apresenta a possibilidade de se organizarem em grupos de iguais (BOCK, 2007). Nas palavras de Foucault (2014, p. 134), “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

A legitimação da adolescência enquanto etapa distinta do desenvolvimento em perspectiva científica tem como marco a publicação do psicólogo Stanley Hall, em 1904, intitulada “Adolescência: sua psicologia e relação com fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação” (HEALD, 1992, *apud* GROSSMAN, 2010, p. 48), na qual o autor apresenta a adolescência como uma etapa marcada por turbulência, instabilidade e tensão, fortemente influenciada pela visão evolucionista. A adolescência figurava como um fenômeno desconhecido “até por volta da década de 1940” (BARONCELLI, 2012, p. 189).

Na perspectiva sócio-histórica, “a adolescência é vista como uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento” (BOCK, 2007, p. 68). Baroncelli (2012), ao apresentar a perspectiva da Gestalt-terapia, que conserva significativas semelhanças com a abordagem sócio-histórica, se mostra crítica a concepções uniformizantes da adolescência como fenômeno global. Embora a autora corrobore com as mudanças físicas enquanto “marcas concretas dessa fase” (BARONCELLI, 2012, p. 192), argumenta que “ser adolescente é, portanto, sê-lo num determinado corpo, mas também numa determinada sociedade, etnia, classe social, cultura, família

e para determinada pessoa que vai significar todos estes aspectos de forma sempre únicas” (BARONCELLI, 2012, p. 191). Tais perspectivas, sócio-histórica e gestáltica, são pilares estruturantes na construção dessa narrativa.

## **A SOCIEDADE DO AGORA**

*A ciência conservadora é pseudo-humana.  
(Simone, 2024)*

A discussão que situa a experiência humana em parâmetros sensíveis e de difícil racionalização a partir da cultura científica tradicional - estabelecida nas interpretações do mundo físico; fortemente objetiva e quantitativa - se faz necessária ao exercício reflexivo e crítico ao qual esse texto se propõe.

A invenção e o aprimoramento de dispositivos como relógios, despertadores, cronômetros e afins viabilizaram o controle, a gestão e a autogestão do tempo na sociedade contemporânea, naturalizando essas práticas. Tal fenômeno compete com a experiência sensível de conexão dos sujeitos com seu ambiente interno, assim como com a cronologia oferecida pelo próprio meio natural. “Sendo o tempo do relógio, do calendário, da agenda e do cronômetro, o tempo criado pela inteligência, o seu significado mais profundo seria capturado por outra faculdade mental, por outra atividade da consciência, periférica: a da intuição” (BARRETO, 2021, p. 80).

O produtivismo que se instaurou no mundo do trabalho com a ascensão do capitalismo corrobora para a exploração dos sujeitos das classes trabalhadoras, alçadas à condição de “bens de produção” em analogia à funcionalidade das próprias máquinas. De acordo com Foucault (2014, p. 135),

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.

Diferentemente da racionalidade que rege a existência objetal das máquinas, a qual pode ser facilmente pautada em referenciais quantitativos e passíveis de

parametrização estatística nas análises e validações de eficiência, a amplitude da experiência humana é subjetiva, analógica, sensível, por vezes anacrônica, contraditória e incomparável em níveis individuais; a tal singularidade que se tem buscado fora, mas que mora dentro de cada ser, único.

Um grande marco na ampliação da compreensão no que se refere à complexidade da experiência humana tem origem com as publicações de Sigmund Freud (1856–1939), o fundador da Psicanálise. Ao propor a tese da existência do inconsciente — instância que abarcaria conteúdos reprimidos da consciência devido à sua natureza traumática, mas que seguem influenciando os sujeitos em seus processos de vida por meio de sonhos, atos falhos, esquecimentos, entre outros —, contribuiu fortemente para o embasamento de críticas à noção de racionalidade pura, neutralidade e objetividade aplicada ao contexto humano (FREUD, 2019).

O tradicional modelo científico que sustenta o academicismo na atualidade, fortemente influenciado pelas ideias produtivistas herdeiras da “maquinaria capitalista” e pautado em indicadores de qualidade estatisticamente validados com base em critérios estabelecidos pela própria “elite científica”, apresenta limitações quando se busca compreender a complexidade humana em profundidade. Tal afirmação é compatível com a autocrítica a que se propõe Nicoletti (2020, p. 295):

Como essa afirmação pode soar chocante em alguns cantos do mundo acadêmico contemporâneo, essa asserção implica que nós, cientistas, precisamos humildemente aceitar que o nosso modo tradicional de fazer ciência talvez não seja amplo e abrangente o suficiente para descrever a totalidade do universo humano.

Como cientista profissional, não antecipo tragédias nem derrotas nesta conclusão. Pelo contrário, antevejo uma enorme oportunidade de reflexão e mudança de hábitos antigos e ultrapassados. Isso não significa, de forma alguma, que nós, cientistas, tenhamos que nos valer de qualquer visão mística, religiosa ou metafísica, mas devemos notar as limitações de nossa arte.

Na Psicologia, perspectivas evolucionistas e fortemente racionalistas que se prestam a perseguir a validação pela cultura científica tradicional, quando estruturadas em objetividade e reprodutibilidade a partir de fundamentos impessoais e estatísticos, incorrem no risco de desconsiderar a amplitude da experiência subjetiva que se dá em um contexto de encontro entre vivências humanas singulares.

Adaptadas aos padrões de nossa realidade brasileira atual, seria preciso considerar marcadores de raça, gênero, classe social e assim por diante, pois nenhum sofrimento psíquico é isolável, sem perda de sua substância mesma,

do contexto biopsicossocial no qual se expressa e se configura (DUNKER; IANNINI, 2023, p. 207).

As experiências sociais humanas são cruciais para habilitar os indivíduos a se reconhecerem como sujeitos, estruturando assim o próprio senso de identidade. Hall (2006, p. 11), em sua definição sobre o sujeito sociológico, afirma que “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”.

A perspectiva sociológica de sujeito é compatível com discussões do campo das neurociências oriundas de experimentos realizados com ratos no intuito de avaliar a plasticidade neural. De acordo com Nicoletis (2020, p. 95), “a interpretação interna do mundo exterior criada pelo cérebro, bem como o nosso senso de ser, permanece em contínuo fluxo ao longo da vida”.

A busca por amizades ao longo de toda a experiência humana objetiva suprir a contínua necessidade de encontro com o outro, de afeto, acolhimento e pertencimento, “um terceiro com quem partilhar os tormentos, a solidão ou as decepções amorosas; com quem, paralelamente, inventar um novo estilo, um novo mundo” (BRUN, 2007, p. 319).

Na adolescência, a alta demanda por contatos sociais pode ser entendida como uma necessidade de busca por recursos que corroborem para o ajustamento criativo desses sujeitos em face às inúmeras exigências às quais passam a ser expostos pela cultura, seja no âmbito dos estudos, da escolha de atividade profissional, questões de sexualidade e investimento amoroso, entre outros (BARONCELLI, 2012).

O conceito de ajustamento criativo aqui introduzido e assimilado a partir da Abordagem Gestáltica pode ser entendido como a “capacidade humana de ajustar-se criativamente ao meio” (BARONCELLI, 2012, p. 194). Outra definição para esse conceito seria “auto-regulação, abertura ao novo, contato vivo e vitalizante, referindo-se à formação de novas configurações pessoais (ou gestalten) a partir da entrada de novos elementos através da experiência de contato” (MOREIRA, 2010, p. 24 *apud* BARONCELLI, 2012, p. 194).

Nas sociedades contemporâneas, as ferramentas digitais atuais potencializaram e amplificaram novas e múltiplas experiências, repletas de satisfação imediata, fugaz e, por vezes, ilegais. Dunker *et al* (2018, p. 108) pontua o caráter

mágico do contexto digital ao afirmar que “o diário ato digital se instaura em nossas vidas como um ato mágico, capaz de resolver todos os problemas que possamos ter”. Esse cenário cibernético tem potencial para nutrir a fantasia de liberdade irrestrita a nível virtual, em que sempre é possível encontrar validação para ideias diversas, mesmo aquelas incompatíveis com a experiência social nos moldes civilizatórios. “Antes, quando alguém tinha uma crença bizarra ou fora de esquadro, sentia-se acuada e desenvolvia formas de se conter; agora ela encontra “parceiros” para tudo na internet, inclusive para o pior” (DUNKER *et al*, 2018, p. 31).

Aspectos importantes de serem retomados nessa discussão e que vêm sendo exacerbados no contexto contemporâneo altamente tecnológico são ideais incorporados na cultura ocidental a partir da consolidação do sistema capitalista: produtividade e lucro. Ao refletir sobre preocupações acerca do excesso de tecnologia ao ser humano e a instrumentalização de seu uso para difundir valores sociais que atendam a interesses de elites econômicas, em detrimento do bem-estar da população em geral, Nicolelis (2020, p. 352) alerta:

Refiro-me à visão financeira do universo humano, que propõe monetizar todos os aspectos da vida, acoplada ao Culto das Máquinas, conceito proposto por Lewis Mumford e que inclui o enfeitiçar da nossa espécie pelas ferramentas e tecnologias que somos capazes de criar para aumentar o nosso alcance no mundo exterior.

O ambiente digital, acessível a enorme parcela da população na atualidade, proporciona a difusão de informações com potencial para influenciar o comportamento social em uma perspectiva cognitiva “moderna”, contribuindo para o aumento da ansiedade e do medo gerados pelo contexto atual de incertezas, “uma vez que ninguém hoje tem certeza de manter o seu emprego, ter acesso à saúde, educação e moradia ou traçar qualquer plano para o futuro imediato, dado que tudo ao redor aparenta estar em fluxo contínuo” (NICOLELIS, 2020, p. 360).

A virtualidade nos moldes atuais com seus “garotes propagandes”, “instrumentos de alienação”, que também atendem pelo referencial “coach” ou “influencer”, esses mestres da “vida fácil” e, portanto, incompatível com a história da espécie humana, têm corroborado para a naturalização da cultura do desempenho, pautada em comparação, competição e mérito. Há exceções, que se dão enquanto ato de resistência, “graças a Deus!”.

A naturalização dos “fracassos pré-programados” como fruto da incompetência pessoal introjeta um “chicote moderno” no indivíduo, que lhe incrementa a insegurança e amplia suas incertezas em relação ao futuro. Os reflexos de tamanha perversidade são percebidos, em especial, em sociedades marcadas por desigualdade e injustiça social, como a brasileira. Em um cenário materialista, atingir a meta nunca será suficiente, já que ela sempre poderá ser elevada.

Segundo Han (2015, p. 15),

A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho.

O advento das redes sociais e o ideal de felicidade que reverbera nesses espaços também vem colaborando para o fortalecimento da visão distorcida da realidade. Como já pontuado, soluções fáceis, “mágicas” e acríticas para problemas complexos são fartamente oferecidas nessa “cultura digital”, mas quando essas não se concretizam no cotidiano dos “compradores”, ou mesmo não geram o lucro e sucesso esperado aos “produtores”, podem desencadear conflitos, sofrimento e adoecimento mental. Para Han (2015, p. 17) “o sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade”.

No contexto que tem sido oferecido ao adolescente pós-moderno, no qual reina a cultura da felicidade, do desempenho e do consumismo esvaziado de sentido – fútil mesmo, para ser mais clara – pouco espaço resta às sutilezas da intuição, fundamental ao exercício da criatividade e, por conseguinte, do seu próprio ajustamento criativo diante dos seus múltiplos desafios. Para Han (2015, p. 20), “o excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção”.

Esse cenário de excessos desafia a estruturação da identidade, levando ao surgimento de uma nova noção de subjetividade, o que Hall (2006, p. 12) apresenta

como sendo a definição de sujeito pós-moderno, “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Na concepção que aqui se desenha, tal processo reflete a insegurança gerada pela expectativa de liberdade ilimitada que a dinâmica social contemporânea fortalece, sobretudo a partir das inúmeras “possibilidades” que a virtualidade apresenta, as quais tem criado uma espécie de “caos existencial” que perturba os processos de tomada de decisão e a consistência nas escolhas que demandam o crescer na espécie humana. Em acordo com Bauman (2022, p. 33), “a liberdade sem segurança equivale a estar perdido e abandonado (e, no limite, sem uma injeção de segurança, acaba por ser uma liberdade muito pouco livre)”.

A grande prisão que resulta da falácia de liberdade irrestrita que o contexto atual quer fazer crer possível é mental e, perdidos em nosso universo de escolhas, nos tornamos dóceis aos “salvadores da pátria”, com seus discursos oportunistas. Mentalmente perdidos, somos susceptíveis a fugas que “silenciem” nossa angústia, alienando-nos de nossas dores; incapazes de reconhecer as dores do outro e, ainda que não intencionalmente, corresponsáveis na profusão e perpetuação de misérias aos herdeiros do nosso mundo capitalista.

O adolescente parece viver a crise generalizada com uma maior intensidade, justamente em um contexto no qual aquilo que poderia lhe dar um norte, ou seja, uma certa ordem simbólica, encontra-se hoje diluído, não contando com referenciais universais (SILVA; MUNOZ, 2023, p. 3).

Fernandes, Russo e Bondezan (2022, p. 6), no trabalho desenvolvido com “9289 estudantes, a partir de 14 anos, de todas as regiões brasileiras” sob o título “Relação entre saúde mental e uso de substâncias psicoativas em escolares”, apontam a dificuldade para dormir e sentimento de solidão como fatores relacionados à maior probabilidade de experimentação e uso frequente de cigarro e bebida alcoólica. Adolescentes que moravam com o pai e/ou a mãe exibiram maior

probabilidade de nunca ter fumado ou de fumar com menos frequência. A renda familiar não foi um critério significativo nessa pesquisa (FERNANDES, *et al*, 2022).

A preocupação com a saúde mental de crianças e adolescentes vem se ampliando entre especialistas, porém a precariedade das políticas voltadas aos cuidados com esse público dificulta o atendimento, invisibiliza tal sofrimento e corrobora para a exclusão destes da vida social (CUBAS *et al*, 2024).

É urgente promover espaços de escuta e diálogo, incentivando o protagonismo infantojuvenil, de modo a garantir que suas perspectivas e vivências sejam efetivamente acolhidas e consideradas no planejamento de ações governamentais e no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e participativa. Somente por meio da efetivação dessas práticas é que será possível construir uma sociedade que respeite, proteja e promova os direitos da infância e da juventude (CUBAS *et al*, 2024, p. 12).

## A METÁFORA DO JARDIM

Amarás, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (BÍBLIA, Mt 22:37-39, 2002, p. 1744).

Essa é a sessão desse texto em que eu me autorizo a falar em primeira pessoa, na condição de referência singular das percepções que constroem a minha intelectualidade e em respeito ao instinto subversivo que me anima, sem prejuízo ao respeito que conservo aos inúmeros intelectuais que criaram vários dos termos, conceitos e ideias que eu venha a utilizar.

Na compreensão da identidade enquanto produto do intercâmbio entre o ser e a sociedade, com a qual comungo, pontuo que nenhum “gênio” - termo carregado do juízo de valor de um grupo específico e influente em sua cultura - elaborou qualquer interpretação criativa acerca da sua sociedade ou do seu meio natural sozinho. Também eu não o faço, embora a assinatura nessa arte seja a minha. Meritocracia individual é uma abstração mental que só faz sentido em perspectivas que ignoram a essência da espécie humana, que é social. Somos codependentes por condição de existência e sobrevivência, estejamos em paz com esse fato ou não!

A tentativa que venho buscando estabelecer nesse texto é a de uma linha que recordasse elementos do passado que considero essenciais, seguindo por argumentações acerca do presente - o qual percebo como uma mera releitura do

passado em muitos aspectos, ainda que com uma roupagem “moderna” - e encerrando com a apresentação da minha perspectiva para o futuro, essa abstração mental que produz e sustenta a vida, mas que se dá no agora. Podemos ser senhores do futuro desde que trabalhemos para isso por meio de nossas escolhas no momento presente. Eis o que para mim é a verdadeira chave para a liberdade, a qual demanda responsabilidade; autorresponsabilidade, melhor dizendo!

Dentre as nuances da minha singularidade, a resistência ao assujeitamento sempre foi uma das quais mais me orgulhei e mesmo quando da minha aparente conformação, meu inconformismo encontra formas não óbvias de se manter presente. Nesse texto, venho buscando exercitar a elaboração construtiva de conflitos internos que se exacerbaram ao longo da minha trajetória de contato com a sociedade, cujo agravamento fortaleceu a minha decisão de iniciar o curso de Psicologia, em 2019.

Minha experiência de contato com o público adolescente teve início em 2013, quando iniciei a minha prática profissional como Professora de Química. Ao me defrontar com seres essencialmente diversos, muitos dos quais carentes pelo direcionamento de adultos que lhes inspirasse confiança, entrei em contato com as minhas limitações em suportá-los, dada a dor que o encontro com esses seres com os quais eu me comprometia diariamente, mas com os quais eu não sabia lidar de forma que me fosse confortável, se fazia sentir em mim.

A motivação para o meu retorno à sala de aula na condição de estudante de Psicologia foi a de entender o desconforto que o contato com os meus alunos me gerava, para que eu pudesse descobrir novas formas de me relacionar com eles sem que isso me causasse dor. Faltavam-me referências e, por isso, peço perdão aos alunos das minhas primeiras turmas pelas minhas falhas. Agradeço-lhes pela oportunidade de terem sido espelhos para que eu conseguisse enxergar as minhas limitações e, dessa forma, buscasse recursos para me tornar mais humana.

Ao longo dessa jornada, que vem se dando em paralelo com a análise pessoal, me expus ao reencontro com experiências que me foram dolorosas na infância e adolescência, a nível familiar, escolar e social, mas cuja ordem eu reescreverei de forma exatamente oposta, entendendo que o social vem ditando a função da escola e impactando as famílias, sobretudo as mais vulneráveis economicamente, a partir de interesses materialistas de uma elite que considero cretina, mesquinha e inumana, visto que se presta a perpetuar injustiças por ação, omissão ou alienação.

Professores e demais profissionais da educação - a conclusão desse texto se dá em 15 de outubro de 2024, “dia do professor” - com raras exceções na educação brasileira, são quase “santos milagreiros” nessa sociedade perversa. Destaco também a atuação de cuidadores que atuam em creches - maioria do sexo feminino - realidade que me é extremamente familiar. Heroínas, em sua maioria, fazem muitíssimo com muito pouco, dadas as condições exploratórias de que dispõem para exercer a sua atividade profissional.

Aos que queiram atribuir a minha perspectiva o que denominarei por “bullying social infantilóide”, que vem sendo repetido aos quatro ventos na atualidade a partir do termo “comunista”, informo que não sou adepta a rotulações! A diversidade humana é o que mais me encanta e jamais seria partidária de qualquer tentativa de normalizá-la, sob nenhuma perspectiva. Entretanto, me reconheço como humanista em respeito à natureza da minha condição de existência, a humana! Tento colaborar no combate às injustiças na minha prática diária no limite das minhas possibilidades, o qual por vezes até ultrapasso dado o quadro crítico da nossa sociedade em termos de proporcionar dignidade aos seus. Para citar uma expressão bastante utilizada no ambiente virtual quando da defesa da própria honestidade, “quem me conhece, sabe!”

Sinto-me bem-sucedida na empreitada que vem proporcionando a ressignificação do meu próprio adolescer, que me exige atitude! Compreendi que o amor, a compaixão e o cuidado que eu sempre busquei transbordar para o mundo precisava me preencher primeiro. Outro aprendizado que compartilho dessa trajetória é que o mundo mais solidário, justo e colaborativo com o qual sempre sonhei, fruto da internalização da moral cristã pela qual agradeço aos meus pais, precisava iniciar em mim, por meio da autocompaixão. Enquanto parte do todo, me melhorar como indivíduo e apaziguar o meu universo singular já garante a melhora do mundo, ainda que nos limites da minha insignificância perante à totalidade.

Ofereço a frase que sintetiza o principal aprendizado que fortaleci nesse processo de reaprender a aprender que a Psicologia, aliada à experiência terapêutica, me proporcionou: a vida é boa quando cada um cuida da sua! Para cuidar bem de alguém é necessário o aprendizado que deriva do exercício consigo, a fim de desenvolver recursos que possibilitem suprir as lacunas, próprias das limitações dos mestres de outrora em nossa fundação humana e resultado da condição perfeitamente imperfeita da nossa espécie. Dolorosa verdade e, ao mesmo tempo, libertadora.

A segurança na convicção acerca das minhas elaborações me fortalece na construção que se segue, a qual denominei por Metáfora do Jardim; uma reflexão meio professoral, pois sou professora sim, “com muito orgulho e com muito amor!”

Trazer o universo das plantas para essa construção que visa contribuir na compreensão dos cuidados com os adolescentes encontra sentido na minha infância vivenciada na zona rural, desenvolvida sob forte influência das mangueiras, dos pés de laranja e mexerica dos quais eu colhia frutos com o meu pai, do quintal do vizinho de onde obtínhamos jabuticabas (com permissão, é claro!), do robusto ipê na subida para a casa onde morava com minha família, encantador na época das flores, da horta que mantínhamos sempre vigorosa no quintal, que enriquecia nossa alimentação de forma nutritiva e saudável, das roseiras, moças-velhas, folhagens, além das leguminosas, das lavouras de café que meus pais cultivavam enquanto colonos (no que eu ajudava após a escola), entre outras. Em meio a toda essa variabilidade vegetal, algo que verifico como fator “normal” é, por ironia, a diversidade! Cada vegetal tem seu ciclo próprio e, ainda que dentro de uma mesma espécie e por vezes com um mesmo código genético, diferenças se fazem notar a partir de nuances do desenvolvimento individual na interação com o ambiente único de cada planta, recordando aqui que “dois corpos nunca ocupam o mesmo lugar no espaço”.

Para além da minha experiência rural, o ato de cultivar jardins é bastante comum em nossa sociedade. Mesmo para os que moram em centros urbanos e residem em apartamentos, sempre é possível ter uma plantinha em casa, ainda que em vaso. Se forem duas, afirmo categoricamente que apresentarão diferenças! E dessa obviedade eu fortaleço uma constatação fundamental, de que o grupo denominado aqui por “plantas” é abrangente e comporta profundas diferenças. Mesmo as “plantas de jardim” são inúmeras e cada “jardineiro”, ao decidir estabelecer o seu jardim, escolherá espécies que forem do seu gosto, compatíveis com os limites do seu espaço e com suas disponibilidades de cuidado. Logo, a partir do momento que o sujeito se propõe a cultivar um jardim, assumir a responsabilidade por essa escolha e assimilar conhecimentos acerca das espécies escolhidas é fundamental para que as pobres plantinhas não fiquem à mercê da própria sorte, tornando-se vítimas da negligência do jardineiro.

Faz-se necessário nutrir as plantinhas, irrigá-las, podá-las, protegê-las das “pragas” e todas as demandas que o exercício do cuidado com um jardim que se quer belo, exige. Porém, a vigilância aos extremismos também é fator crucial, pois algumas

plantas de climas secos podem sofrer ou até mesmo morrer com regas em excesso; outras pela falta. Para algumas a poda intensiva é benéfica; para outras, nem tanto. Em suma, é uma experiência que carece disponibilidade e, acima de tudo, sensibilidade. Como “recompensa” pelo investimento dispensado, algumas plantinhas produzirão flores, outras além das flores também ofertarão frutos, outras potencializarão a beleza do jardim com sua forma, cor, aroma... Cada uma sendo a sua melhor versão nos limites da sua condição vegetal, potencializada pelos cuidados que o contato com um jardineiro amoroso viabiliza.

E, talvez, você que está lendo esse texto nesse exato momento possa estar se questionando acerca da relação entre o jardim e os adolescentes e onde eu quero chegar com isso... É pra já!

Os adolescentes - e todo e qualquer outro ser humano - em analogia às plantas, são diversos. Mesmo os que se assemelham fisicamente, como o caso dos gêmeos, diferem em sua experiência subjetiva. As ideias que julgo preconceituosas e estereotipadas de adolescência enquanto “fase problema”, “aborrecência”, entre outros termos pejorativos, traduzem a ignorância sobre as necessidades desses sujeitos, às quais a criação desse texto ousa iluminar. Sem pretensões totalizantes, a interpretação que aqui se desenha é passível de limitações, pois parte das percepções acerca do meu contexto histórico, familiar, social e cultural; singulares.

O comprometimento esperado do jardineiro que escolhe ter um jardim será aqui comparado ao de adultos que escolhem pela existência de adolescentes em suas vidas, seja por meio de laços familiares, profissionais ou mesmo sociais; decisão que demanda responsabilidade, individual e coletiva. Porém, diferentemente das plantas cuja magnífica comunicação ainda não compreendemos bem, adolescentes assimilam formas humanas de comunicar suas necessidades ao longo da experiência, sejam eles verbais ou não.

Aos adultos, familiares, profissionais da educação, da saúde, dos esportes, e em extensão, à sociedade em geral representada pelos políticos eleitos, cabe a escuta de suas necessidades, a busca de conhecimentos sobre as suas especificidades, a oferta de atividades que enriqueçam o seu cotidiano, o suporte material e afetivo, o estabelecimento de limites que orientem as suas escolhas de forma consciente e que os encoraje em sua organização subjetiva; o que se dá pela presença, pela atenção, demanda sensibilidade, vontade e acima de tudo, respeito as suas singularidades.

Assim como as plantas demandam cuidados para oferecerem a plenitude de sua beleza, adolescentes também, com a diferença de que estes são sujeitos de desejos, os quais podem, devem e precisam ser orientados; não dominados!

No mundo capitalista, a diversidade humana tem sido fortemente violentada pelo modo de vida pautado em produção de riqueza e geração de “crescimento econômico” como indicador de “sucesso”, o que considero uma falácia socialmente validada pela abstração capitalista que alçou o “Mercado” à condição de “Deus da Modernidade” e, sob as bênçãos de seus falsos profetas, seguimos perpetuando injustiças e violações subjetivas, as quais não podem ser dissociadas da crescente patologização da vida.

O sistema educacional vem atuando como protagonista nesse cenário, docilizando os sujeitos desde muito cedo para que, naturalizada, tal realidade se perpetue. Entendo o adoecimento mental de sujeitos cada vez mais jovens como sintoma do nosso fracasso social, pois mesmo com todo o avanço tecnológico que ampliou a possibilidade de resolvermos problemas como fome, analfabetismo, doenças, entre outras mazelas, seguem-se as guerras, as violências cotidianas às quais estamos expostos (físicas e subjetivas), a tragédia climática anunciada, a manutenção de significativa parcela de miseráveis; reflexos da mediocridade e falta de humanidade das elites econômicas, políticas e intelectuais que seguem se perpetuando a gerações no controle, na dominação e na conformação das massas, às custas das desgraças diárias a olhos vistos dos que se permitem enxergar, o que é possível ainda que esses sejam desprovidos da visão.

Que esperanças de futuro estão restando aos nossos jovens, essas adoráveis mudinhas que têm tudo para abrilhantar o nosso jardim, mas que restam abandonadas em meio a tantos jardineiros alienados, negligentes e/ou irresponsáveis? Minha experiência de mais de 10 anos em contato diário com adolescentes me autoriza a supor que o sofrimento mental da juventude resulta do contato com adultos incapazes de compreendê-los e orientá-los, pois muitos também não foram compreendidos e orientados com sensibilidade e respeito na própria adolescência.

Muito longe de querer nutrir qualquer sentimento de culpa na geração adulta atual, na qual me reconheço como igual no auge dos meus 37 anos, muito menos nas anteriores, que fizeram o melhor que puderam em suas épocas e foram exitosas, já que ainda estamos aqui, minha intenção é a de colaborar com a minha experiência na tentativa de nos conscientizarmos de nossas falhas, a fim de que possamos buscar

alternativas, assumindo a nossa responsabilidade conjunta nessa empreitada pela sobrevivência e perpetuação da nossa espécie, como bando que somos.

O “boom” tecnológico vem alterando paradigmas, o que pode perturbar a ordenação subjetiva, mas também pode colaborar na ampliação de possibilidades, a depender das escolhas individuais. Em conjunto, respondemos pelo ordenamento social pois “todo poder emana do povo”. Aos dispostos, sempre é tempo para ressignificar o adulterar, nesse exercício que demanda coragem e amor a si mesmos, no trabalho de reconhecer as próprias necessidades e buscar meios de supri-las.

A segurança que os adolescentes demandam dos adultos para se construírem enquanto sujeitos na plenitude de suas singularidades carece de referências nestes, as quais podem ser viabilizadas a partir do exercício do autocuidado, que sempre pode ser fortalecido. Para que sejamos capazes de cuidar dos nossos jovens com respeito e amor, acolher e cuidar das nossas próprias feridas vem se mostrando, na minha experiência, uma feliz alternativa.

Na utopia metafórica que apresento e sendo a escola um dos jardins que escolho cultivar, sonho com um campo habitável a espécies diversas, gramíneas, flores de muitas cores, frutíferas aos montes, arbustos, árvores frondosas; cada uma sendo parte do todo a partir da própria potência, em plenitude. Nesse jardim, animais, insetos, aves e todo o conjunto de outros seres que se achegarem serão muito bem-vindos, acolhidos e respeitados. Humanos adultos, apenas os que tiverem aprendido a apreciar com respeito as belezas das vidas que se potencializarão no jardim dos meus sonhos, sem aprisioná-las ou arrancar-lhes as flores. Cumpridos os cuidados que minha escolha demanda, descansarei na sombra de um frondoso ipê repleto de flores cor-de-rosa a fim de contemplar a magnitude da vida e a beleza que reside em sua diversidade, enquanto aprecio a sensação de me sentir em casa.

Gratidão!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fonte: a autora.

O modo de vida capitalista, em todas as suas fases, vem impactando drasticamente o senso de pertencimento coletivo e, sobremaneira, a consciência humana desse bando ao qual me reconheço pertencente.

A escrita desse artigo, além de oferecer uma perspectiva de reflexão acerca dos desafios relacionados à complexa experiência do adolescer na contemporaneidade, compreendido como um processo singular e culturalmente situado, serviu à elaboração criativa do visceral inconformismo dessa autora com as misérias sociais a partir da arte da palavra, esse instrumento de cura pelo qual rendo honras aos nobres ancestrais, seus inventores.

Aos jovens, desejo-lhes vida em abundância, resiliência, muita coragem e ousadia para fazerem escolhas que encaminhem a humanidade na direção de um futuro que se faça novo, em essência. Desejo ainda que a discussão que aqui se encaminha possa colaborar para a abertura de frestas nos muros espessos que nos

separam e impedem a potencialização de nossas experiências na perspectiva do todo, sem prejuízo às singularidades.

Aos brasileiros adultos, com os quais compartilho esse recorte do todo que chamamos de Brasil, que amo e sirvo com orgulho patriótico, materializo o meu desejo de paz e harmonia. Sonho sermos capazes de nos construirmos no nosso campo enquanto uma equipe acolhedora à vasta diversidade que nos é própria, tendo o respeito e a equidade como pilares fundamentais do nosso time.

Desejo que sejamos capazes de inventar um novo futuro com nossos jovens, que rompa com a releitura do nosso passado de opressão, servidão, injustiças e misérias, naturalizados a partir do encontro avassalador dos nossos povos originários com os tais “descobridores”. Que nesse futuro prevaleça o orgulho de sermos quem somos, com nossa potência criativa e de um jeitinho todo brasileiro que nos permita nos respeitarmos enquanto nação diversa.

Que nos façamos respeitar pelo mundo para que construamos, livremente, o nosso próprio modelo de ordem e de progresso.

Que nos autorizemos a sonhar!

## REFERÊNCIAS

- ALTER, A. **Irresistível: por que você é viciado em tecnologia e como lidar com ela**. Objetiva, 2018.
- ARAGÃO, M. J. **História da química**. Rio de Janeiro: Interciência, 2008.
- BARONCELLI, L. **Adolescência: fenômeno singular e de campo**. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, v. 18, n. 2, p. 188-196, 2012.
- BARRETO, M. (org). **Humanidades e Ciências Naturais**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOCK, A. M. B. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 11, p. 63-76, 2007.
- BRUN, D. **A gramática amorosa da amizade**. Ágora: estudos em teoria psicanalítica, v. 10, p. 311-319, 2007.
- CUBAS, J. *et al.* **A infância e a adolescência na política de saúde mental: uma análise por meio dos conselheiros e conferências de saúde**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 29, p. 1-14, 2024.
- DUNKER, C. *et al.* **Ética e pós-verdade**. Editora Dublinense, 2018.
- DUNKER, C.; IANNINI, G. **Ciência pouca é bobagem: Por que psicanálise não é pseudociência**. Ubu Editora, 2023.
- FERNANDES, B. F.; RUSSO, L. X.; BONDEZAN, K. L. **Relação entre saúde mental e uso de substâncias psicoativas em escolares**. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 39, p. 1-24, 2022.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, 2014.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GROSSMAN, E. **A construção do conceito de adolescência no Ocidente**. *Adolesc. Saúde (Online)*, p. 47-51, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes (Edição do Kindle), 2015.

NICOLELIS, M. **O verdadeiro criador de tudo**. Planeta Estratégia, 2020.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. **Adolescência através dos séculos**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, p. 227-234, 2010.

SILVA, P. M. G.; MUÑOZ, N. M. **Contornando a urgência na adolescência: o fio tênue da clínica em instituição**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 26, p. 1-8, 2023.